

Belém, 6 de Junho de 1985

Prezados Amigos,

mais algumas notícias da região do rio Curuá e do rio Iriri onde continuei desenvolvendo meu trabalho, apesar dos acontecimentos dos meses passados. A situação ainda não está muito clara, apesar de que as Autoridades estão começando a tomar providências. Após as denúncias que foram apresentadas, no começo do mes de Maio uma equipe foi até o local do Cajueiro a fim de se cientificar daquilo que lá estava acontecendo. Como eu tinha pedido, este grupo de inquérito foi até o Cajueiro de barco, subindo pelos rios Xingu, Iriri e Curuá. Eles encontraram um bocado de dificuldades e sofreram bastante pelas pragas que encontraram: desta maneira tiveram a oportunidade de conhecer a realidade onde vive o povo do interior e dos rios. Eles realizaram seu inquérito junto aos moradores, mas não puderam falar com os responsáveis das firmas Brasinor e Sacopan, pois estes não estavam no local quando da chegada do grupo de inquérito. Alguns dias antes da chegada da Polícia Federal e os outros da equipe de inquérito no Cajueiro, o gerente da Brasinor e os guardas da Sacopan tinham-se retirado da área de conflito, deixando somente alguns trabalhadores no garimpo. Com certeza alguém deve ter informado da chegada do inquérito. Mas mesmo assim o pessoal da Polícia Federal, do SNI, do ITERPA, da FUNAI e do DNPM teve a possibilidade de obter todas as informações pelos moradores e Índios que tinham regressado em suas posses em meado de Maio. Agoea deveriam ser redigidos os relatórios do inquérito e a Justiça deveria se movimentar.

Eu já estava de novo viajando pelo rio Iriri quando, no fim do mes de Maio, após o grupo de inquérito ter deixado o Cajueiro para regressar a Altamira, um grupo de Índios Cayapós do alto rio Curuá, da aldeia do Baú, chefiados pelo cacique Mitinó, chegaram de repente no Cajueiro. Ali se pintaram com as cores de guerra e, armados, foram até a sede da firma Brasinor, na outra margem do rio Curuá. O susto dos trabalhadores e dos funcionários da firma foi muito grande, mas, graças a Deus, os Índios se limitaram a tomar conhecimento do lugar e a retirar algumas mercadorias e objetos de seu interesse na cantina da firma. Antes de ir embora, deixaram o recado para o gerente da firma comparecer no Cajueiro a fim de ter com eles. No dia seguinte, quando o gerente chegou, foi ter com os Índios Cayapós no Cajueiro. Houve um momento de grave tensão, correndo ameaças de ambas as partes. Os moradores e os outros Índios que moram no Cajueiro foram testemu ha disso, o que determina que as exigências apresentadas pelo cacique Mitinó devem ser cumpridas; se não for assim, as ameaças que ele fez vão se tornar realidade.

O cacique Mitinó exigiu que a firma Brasinor retire todos os seus funcionários e trabalhadores, bem como os guardas armados da Sacopan, da área do Cajueiro. Ademais exigiu que seja recuperada a pista de pouso que a Brasinor mandou destruir de propósito, impedindo assim a chegada e o pouso de qualquer avião no local.

Infelizmente o gerente da Brasinor respondeu que não vai fazer nada disso. Foi aí que o cacique disse que ia voltar para a aldeia, juntar na s guerreiros e voltaria dentro de poucos dias. Se o que ele pediu não estará feito, ele irá destruir tudo da firma Brasinor e matar todos que não forem moradores do rio.

O gerente da firma, na uela altura, parece que compreendeu que a coisa era muito grave e tentou apaziguar os Índios prometendo presentes que ele mesmo, no avião da firma, iria levar até a aldeia do Baú. Os Índios não recusaram os presentes, mas mesmo assim não recuaram das exigências que tinham apresentado.

No mesmo dia em que os Índios Cayapós regressaram para a aldeia, eu cheguei na localidade de Entre Rios, na confluência do rio Iriri com o rio Curuá. Logo que eu tive conhecimento dos fatos, fui imediatamente até o Cajueiro, esperando me encontrar com o Mitinó e dizer para ele se acalmar, pois há estavam sendo tomadas algumas providências, e não adiantava atacar a firma. Mas quando cheguei no Cajueiro os Índios já tinham ido embora. Decidi então viajar logo para Altamira, a fim de alertar as Autoridades e tentar algo. De Altamira alcancei Belém, onde soube tinha chegado um assessor do Ministro da Reforma Agrária e Desenvolvimento querendo entrar em contato comigo a fim de estudar umas soluções.

Ontem aqui em Belé, realizamos este encontro, com a presença dos assessores dos Ministérios da Reforma Agrária, da Justiça, representantes da Polícia Federal, do Iterpa, e do Inbra. Na reunião foi possível esclarecer muitos detalhes dos problemas, não somente do Cajueiro mas da região todas. Acho que a reunião foi proveitosa: agora trata-se de tomar algumas decisões a fim de que sejam evitados conflitos e sejam respeitados os direitos de todos.

Dentro de alguns dias estarei viajando de novo para os rios Iriri e Curuá, esperando que seja afastado o perigo de um confronto armado entre os Índios Cayapós e o pessoal da firma Brasinor.

Logo que eu souber mais notícias, irei me comunicar com vocês.

A todos os meus agradecimentos e minhas lembranças, pedindo a Deus que nos abençoe a todos e nos acompanhe sempre.

R. Angelo